

Da Escola Dominical à Internacionalização: compromisso e qualidade à frente de uma Universidade Confessional

Marcio de Moraes¹

Resumo: Metodológica e conceitualmente filiado à abordagem (auto)biográfica, apresentado como narrativa, o artigo procura oferecer subsídios para uma melhor compreensão das relações entre fé como vivência, gestão universitária e o significado de uma universidade confessional, como regulamentada no Brasil.

Palavras Chave: Abordagem (auto)biográfica. Fé e gestão. Gestão de universidade confessional no Brasil.

Abstract: Methodologically and conceptually affiliated to the (Auto) Biographical approach and so presented in narrative style, the article searches to offer a contribution to a better understanding of the relations between faith as life, university management and Religious/Non-for-profit & Community Based University, as regulated in Brazil.

Keywords: (Auto)biographical approach. Faith and management. Management of Religious University in Brazil.

Sobre os ombros de Wesley...²

Quando ainda era criança, sem ter condições de decidir por mim mesmo e, portanto, levado por minha mãe, frequentei assiduamente as aulas da Escola Dominical em uma Igreja Metodista de uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo e, mesmo sem nunca ter frequentado o que era chamado de Pré-escola (ou Educação Infantil, nos termos atuais), pude aprender as primeiras letras nas atividades que eram desenvolvidas, praticamente, somente por mulheres, e que nos inseriam em um mundo novo – com histórias bíblicas e como estas podiam ser contextualizadas para o nosso tempo.

Assim cresci e, somente após completar 7 anos é que passei a frequentar a Escola regular e fui “oficialmente” alfabetizado. Antes disso, porém, já havia o interesse não exatamente pela leitura, mas por descobrir, juntamente com as crianças, como eu, no ambiente da Escola Dominical, o que as nossas “professoras”, mulheres comuns, sem necessariamente terem sido preparadas para exercer esse importante papel, sabiam tanto e nos colocavam diante de tantas novidades a cada domingo.

Como era possível que pessoas comuns, como aquelas “professoras” pudessem “preparar material didático” que despertavam tanta curiosidade e mantinham as crianças, como eu, tão curiosas sobre como seria no domingo seguinte. Muitos anos depois eu viria a descobrir que o movimento metodista, que teve John Wesley como seu fundador, nasceu em um ambiente universitário, Oxford, Inglaterra, tendo, portanto, uma especial vocação para o ensino.

¹ Marcio de Moraes, Doutor pela Universidade de Barcelona; Pós-doutorando-FEUSP, 2017-2018; Presidente da IAMSCU, 2014-2017; Reitor da UMESP, 2007-2016; Reitor da UNIMEP, 2016-2017. Esse artigo apresenta resultados preliminares de pesquisa que integra Pós-doutorado realizado pelo autor junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: moraes.marciom@gmail.com

² Em referência a Isaac Newton, ao manifestar gratidão e reconhecimento aos que o precederam e possibilitaram suas conquistas científicas, e que foi seguido séculos depois por outros cientistas inovadores: “Sobre os ombros de gigantes...”.

Wesley sempre teve uma preocupação especial com a educação de crianças, em especial aquelas com mais dificuldades e obstáculos para frequentarem regular e normalmente a escola, fosse pela condição de pobreza em que viviam ou pela necessidade que tinham de, desde muito cedo, trabalharem para o sustento familiar. Nesse sentido o grande êxodo, ocorrido em função da revolução industrial na Inglaterra, nos tempos de Wesley, fez com que ele se dedicasse ainda mais ao tema da educação.

Wesley reconheceu que as escolas não são exclusivamente locais para adquirir conhecimento ou desenvolvimento intelectual; as escolas precisam ser locais onde cada pessoa precisa ser cuidada no seu todo, pois somente assim pode assumir a auto compreensão crucial para a salvação. Desenvolver o caráter e valores são muito mais do que temas a serem tratados em um currículo. John Wesley entendeu que o verdadeiro propósito da educação não é preencher uma pessoa com informações, mas permitir que ela pense.

O metodismo brasileiro teve, em suas origens, três aspectos fundantes ligados à educação: a educação cristã, a educação teológica e a educação secular. A educação cristã, oferecida/desenvolvida nas chamadas escolas dominicais e, em algumas localidades em grupos societários; a educação teológica, para formar pastores/as, ministrada nos seminários e a educação secular realizada inicialmente somente nos colégios - educação básica e posteriormente também no ensino superior - Faculdades e Universidades (Mattos, 2000).

Minha experiência com a educação metodista começou, portanto, com a educação cristã.

Uma questão de química

O ano de 1974 foi especialmente importante para mim, pois tive a oportunidade de conhecer e, não somente isso, mas também “experimentar” o que era, naquele momento, um espaço onde jovens eram “educados”. Mais especificamente houve a possibilidade de aprender como é o processo de selecionar um objeto ou uma paisagem, definir o melhor ângulo, analisar a iluminação, focalizar e apertar o botão para que a imagem que estava tão somente em nossa retina seja gravada em um papel fotográfico. Pronto: a foto estava feita, porém, como ela de fato ficaria após sua revelação?

Sim, revelação e fixação, processos químicos realizados em um laboratório especialmente construído, no qual qualquer descuido com a entrada de luz no momento errado poderia comprometer todo um trabalho de quem tirou fotos que ficaram “guardadas” em uma película que somente poderia ser “revelada” nesse ambiente, nessas condições. A sensação quase de uma mágica, ao ver a imagem, que após ser gravada no papel fotográfico, ia pouco a pouco sendo “revelada” foi maravilhosa. Grande descoberta e grande oportunidade de ser educado para quem vinha de uma experiência pouco frequente de experimentos químicos dessa natureza.

É verdade que a outro experimento químico, sim, estava mais acostumado, aquele no qual não há quantidades exatas. E o fazia, inclusive, correndo alguns riscos, como o de aumentar a quantidade de pólvora de pequenos artefatos e colocá-los sob uma lata vazia que era vedada inteiramente ao posicioná-la, de boca para baixo, em um bloco de argila ainda úmida para medir a capacidade de explosão e da altitude que atingiria aquela lata. Aprendizado na prática sem definições teóricas de quantidade e tampouco de medida dos resultados.

O ambiente em que o experimento químico de revelar uma fotografia aconteceu era o de nada menos do que uma faculdade de jornalismo. Como não me

lembrar desse momento em que, de alguma forma, começaria uma mudança na maneira de ver o mundo, de perceber que muito além de tudo o que eu já havia conhecido até então, existia muito mais. O mundo era muito maior do que já vivenciara. Novos horizontes se descortinavam, tal qual a imagem da foto que, no líquido revelador, podíamos ir descobrindo. Em seguida, no líquido fixador, a foto ficaria, então, eternizada. Assim, também, os novos sonhos, a visão de um horizonte muito mais amplo, foi, aos poucos, fixando-se em minha mente.

Felizmente, e com certeza muito mais importante do que aprender sobre o processo químico no laboratório, foi a oportunidade de estabelecer novos vínculos de amizade e, também, de desmistificar a imagem do professor, pois até então, os percebia mais distantes; sei que não o eram, mas era assim que eu os percebia. Assim, também, a possibilidade de interagir, na condição de colega do curso de fotografia, com um clérigo (pastor) mais velho do que eu e descobrir que também com eles (e isso me ajudou muito a partir desse momento) era possível manter uma relação de proximidade: que são pessoas que são gente como a gente e que por isso mesmo também participam de brincadeiras, interagem conosco. Já se vão 44 anos e até hoje ainda mantenho relacionamento com pessoas que conheci naqueles inesquecíveis três dias de internato para o curso de fotografia.

Viver essa experiência somente foi possível pelo fato de eu participar de uma comunidade religiosa – Igreja Metodista – em uma pequena e pacata cidade do interior paulista, para a qual, da mesma forma que para tantas outras comunidades espalhadas Brasil afora, ofereceu-se a oportunidade de participar de um seminário de comunicação no qual professores da Faculdade de Comunicação da então Federação de Escolas Superiores do ABC, em atividade intensiva de um feriado prolongado, iriam “capacitar” pessoas nas áreas de fotografia, programas de rádio e elaboração de boletins.

Seria impossível para mim, como para outros jovens que vieram de outros estados brasileiros imaginar que estaríamos frente a frente com professores e técnicos nos preparando para retornar às nossas comunidades locais em condições de, pelo menos, iniciar algum projeto que tornasse melhor a área de comunicação das mesmas. Havia disposição de nossa parte, mas os custos de viagem, alimentação e estadia foram cobertos pelas respectivas comunidades e os custos do curso, efetivamente, oferta voluntária dos professores que também atuavam na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.

Caminho suave

Frequentar o curso primário, o ginásio e o colegial – ou como chamamos hoje: Educação Fundamental II e Ensino Médio – foi uma exigência familiar, mesmo sendo filho de pais que chegaram somente ao quarto ano primário, e, portanto, mesmo já exercendo uma atividade profissional desde os 14 anos, prosseguir nos estudos não era um tema sobre o qual podíamos negociar, e sou muito grato por isso! Houve, sim, em alguns momentos, dificuldades para prosseguir especialmente pela necessidade de trabalhar durante o dia e estudar à noite e por algumas dificuldades com matemática que foi superada com a ajuda de um primo que estudava engenharia e me socorreu com as operações com frações.

Ir à escola, ocupar-me das tarefas escolares e das incumbências em casa sempre foram realizadas sem grandes dificuldades e, de certa forma, com algum rigor por parte de minha mãe, mas, ao mesmo tempo, com o cuidado para que eu também entendesse o quão importante era, para mim, aplicar-me aos estudos. Que houve momentos em que eu não entendia por que era necessário seguir adiante, sim houve vários. Todos eles superados com a ajuda de pessoas da própria família ou mesmo de

colegas de turma, já que todos nos conhecíamos e convivíamos não somente no ambiente escolar, mas também fora dele: no futebol, nas brincadeiras de rua, nos jogos, nas conversas enquanto comíamos frutas que os vizinhos dos deixavam colher e, também, alguns de nós, no ambiente da igreja.

Sobre o ambiente favorável ao aprendizado em que cresci, aprendizado aqui não relacionado àquele que se dá no ambiente escolar, mas por ser peculiar de uma pequena cidade, um pequeno bairro, no qual as poucas famílias, de trabalhadores, sempre demonstraram cuidado e atenção com todas as crianças/adolescentes de tal maneira que a amizade e a solidariedade dos pais era também repassada aos demais integrantes das famílias. Havia sim, como era muito mais comum do que hoje, vínculos de relações familiares chamadas consanguíneas: eu mesmo tinha como vizinhos ao lado e em frente à minha casa, tios e tias de primeiro grau.

Destaco, no entanto, o fato de haver um ambiente favorável ao aprendizado e desenvolvimento do espírito solidário pois era possível saber se havia dificuldades, especialmente a falta de alimentos entre as pessoas da vizinhança e sempre houve disposição para encontrarmos formas de ajudar ou ser ajudados. Vim a encontrar, como descoberta, nessa pesquisa que realizei sobre educação metodista, importante texto de Garth Hallet, tratando sobre a amizade, selecionando aqui um trecho:

“In some societies, friendship has clearly outranked kinship, and contemporary western culture shows signs of a similar discrimination. As Michael Lawer recounts: A major study of Family in the United States, funded by Massachusetts Mutual Life in 1989, offered respondents three definitions of Family and asked them to select the one that best fitted their understanding. The three definition were: 1) a group of people related by blood, marriage or adoption; 2) a group of people living in one household; 3) a group of people who love and care for one another. The first definition, used by both the Census Bureau and the US Catholic Bishops when they speak of Family, was selected by a mere 22 percent of respondents; the second by a 3 percent, the third by an overwhelming 74 percent. The traditional definition of family, based on blood and law, has been supplanted for three out of four adult americans by another definition, based on love and nurture” (Hallet, 1998, p. 121).

Há muito tempo, portanto – estamos falando do início dos anos 60 –, vivemos, eu, minha família e nossos amigos do bairro, a experiência de ter as duas coisas ao mesmo tempo: a presença e o apoio familiar e ainda mais, a presença e o apoio de pessoas amigas numa relação com base no amor solidário, raridade vivenciada.

A informação obtida pelo estudo acima citado nos leva a imaginar que há, de fato, uma necessidade crescente de buscarmos apoio não somente no grupo familiar de sangue. A urbanização cada vez maior, a concentração das grandes cidades, mas também as mudanças culturais e de costumes nas pequenas cidades, onde dificilmente ainda exista esse tipo de relacionamento; as dificuldades para se manter a proximidade geográfica da família de sangue; tudo contribui para que busquemos apoio das pessoas que nos amam e querem oferecer algo a mais, pois sentem a mesma necessidade e buscam o mesmo que nós.

Voltando ao ambiente propício ao aprendizado ainda é necessário destacar a importância, para a minha formação ou a forma como fui educado, do que conheci e

ainda é assim designada: Escola Dominical. Se durante a semana havia aulas na “escola regular” aos domingos pela manhã havia aulas na Escola Dominical.

A grande e marcante diferença era que na Escola Dominical o ambiente era muito diferente da “outra escola”. Ali as aulas eram muito mais lúdicas, o ambiente, mesmo em condições muitas vezes mais precárias, tinha algo de especial. É difícil explicar mas creio que está relacionado ao fato de as professoras (de fato, somente em minha adolescência houve um professor) estarem preocupadas somente em que estivéssemos bem e que conseguissem a nossa atenção, o que normalmente acontecia sem grandes dificuldades. Contar histórias era o que faziam e nós ouvíamos as histórias!

Mas como eram contadas essas histórias? Quem eram os personagens? Como já mencionado, elas conseguiam, mesmo sem uma formação pedagógica que as ajudasse; elas tinham boas condições de leitura, mas parava por aí. Hoje sei disso, mas naquele tempo, eu simplesmente ouvia atento as histórias. Eram histórias de personagens bíblicos, especialmente do antigo testamento, que nos fazia imaginar como seriam: altos, baixos, com barba, sem barba, seriam morenos como eu, pretos, brancos? Quantas perguntas que quase sempre ficavam sem respostas mas pouco importava, queríamos mesmo era saber seus nomes, a idade que tinham, como iriam encontrar saída para as situações de dificuldades que eram relatadas?

Os temas podiam ser os mesmos mas estávamos distribuídos por faixa etária, de tal forma que havia uma “adaptação” da história à faixa etária correspondente. Algumas vezes nos reuníamos com crianças com idade superior às nossas e nesses dias era como se algo mágico acontecesse. Havíamos sido “promovidos” e a linguagem já não era a mesma. A professora era melhor (a grama do vizinho é sempre mais verde), era mais bonita, tanta coisa boa somente pelo fato de nos sentirmos um patamar acima daquele que realmente éramos. Será que somente eu era assim, creio que não. Coisas de criança...

Hoje, tantos anos depois, considero-me um educador e procuro realizar minha tarefa com a mesma disposição que aquelas mulheres, todas elas, preocupadas em nos oferecer o melhor delas, mesmo com todas as dificuldades, preparavam-se durante a semana, estudavam as histórias que seriam contadas, separavam o que seria o material pedagógico: figuras para colorir ou para nos mostrar enquanto a história ia acontecendo. Como foi mágico esse tempo!

Ficou por último, mas não necessariamente acontecia nessa sequência, pois, além das histórias, havia também muita música. Cânticos que nos ajudavam a fixar as histórias e que, também, nos movimentavam no ambiente das “salas de aula” (de fato o que havia era um espaço comum, dividido imaginariamente em três, onde as diferentes idades se dividiam).

Os cânticos, no meu caso, propiciaram um reforço na formação. Tão logo aprendi a ler (e isso só aconteceu após os 7 anos já que naquele tempo não havia pré-escolar), insistia com minha mãe e também com a professoras da Escola dominical e da Escola regular, para que explicassem o significado de algumas palavras para que eu pudesse compreender melhor o que estava cantando. Essa atitude me ajudou, em muito, a construir rapidamente um vocabulário mais rico, se comparado às crianças da minha idade.

Essa prática, em relação à letra ou à poesia dos cânticos, me acompanhou e acompanha até hoje.

Cantar as primeiras linhas do Salmos 90, por exemplo, correspondia a descobrir um mundo novo. O texto/cântico, dizia e diz: “Senhor, Tu tens sido o nosso

refúgio, de geração em geração. Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, Tu és Deus!”

Andança

A minha inserção e atuação na educação secular aconteceu não diretamente relacionada à área acadêmica, ou área fim, como nos referimos, mas por meio da atuação nas áreas meio. Minha graduação em Economia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (uma universidade confessional), em 1981, e, portanto, tendo cursado também disciplinas na área de administração, bem como minha carreira profissional anterior, atuando desde meus 14 anos de idade, em funções administrativas; possibilitaram meu ingresso no Instituto Metodista de Ensino Superior – mantenedora da então Federação de Escolas Superiores do ABC – para atuar em áreas de apoio administrativo.

A partir de 1989 passei a atuar em funções de gestão nos níveis gerenciais e de diretoria na mesma instituição e participei de todo o processo de elaboração, acompanhamento e implantação da Universidade Metodista de São Paulo, entre os anos de 1991 e 1994, dialogando com a comissão de especialistas nomeada pelo Ministério de Educação e Cultura – MEC, naquele momento, como Diretor Administrativo.

Entre os anos de 1999 e 2001, como Vice-Reitor Administrativo, liderei pessoalmente a implantação de 2 (dois) novos campi da Universidade, na cidade de São Bernardo do Campo – SP: um deles, o Campus Vergueiro, com a reforma radical de uma antiga gráfica em um ambiente que abrigou toda a área de Educação da Universidade, graduação e pós-graduação, numa área construída de 6.000 m². Respondi pela elaboração do projeto arquitetônico e pela definição e construção de ambientes de aprendizagem ligados à formação de novos professores ou daqueles do ensino público atuantes na Educação Básica, e para receber também crianças e jovens como parte de suas atividades (brinquedoteca, laboratório de alfabetização, espaços multifuncionais). Fizeram parte do projeto e conseqüente instalação naquele campus, o Programa de Pós-graduação em Educação, que oferecia, então, somente o Mestrado e que posteriormente passou a oferecer também o doutorado.

Também, a implantação do Campus Planalto, desde o projeto arquitetônico até a entrega das obras para abrigar cursos na área da saúde da Universidade: Biomedicina, Nutrição, Psicologia, nos níveis de Graduação e Pós-Graduação – inicialmente somente o Mestrado e depois também o Doutorado; Medicina Veterinária, Fonoaudiologia e Gastronomia, cursos que, por sua especificidade e especialização, exigem cuidados com especificação técnica na construção. A área construída foi de 16.000 m².

No ano de 2007 assumi a Reitoria da Universidade Metodista de São Paulo, função que exerci até agosto de 2016. Nesse período, para atender às necessidades e especificidade, a atuação foi muito mais intensa na área fim, porém mantendo um excelente diálogo com as áreas-meio, sendo possível avançar em muitos processos.

Várias inovações e novas metodologias foram implementadas nos cursos superiores nesse período, com destaque para a revisão e atualização do Programa de Desenvolvimento Institucional – PDI e Projeto Político Pedagógico Institucional – PPI, bem como a liderança à frente das renovações curriculares, fruto das mudanças na legislação nacional.

Liderei, como responsável institucional, não apenas apondo minha assinatura, mas colocando as mãos na “massa”, projetos que permitiram manter a qualidade e enfrentar os desafios da educação privada em nosso país, como são os exemplos:

a) do Programa Institucional de Licenciaturas, voltado para a Formação de Professores de diferentes áreas, havendo um núcleo comum a todas, compondo com as formações específicas de cada área (Pedagogia, Matemática, Ciências, Filosofia);

b) o Programa Internacional de Licenciaturas, em parceria com a Universidade de Coimbra e com recursos de fomento da CAPES, oferecendo dupla titulação; e,

c) o apoio e parceria a docentes que conseguiram aprovar projetos públicos, governamentais, com fomento da CAPES/MEC, que possibilitam a formação de docentes para a educação básica, como PIBID e PARFOR, atendendo centenas de estudantes das Licenciaturas/Formação de Professores, ao mesmo tempo em que envolvem dezenas de docentes da Universidade, valorizados nesses processos, além de professores e professoras do ensino público, valorizados pela atenção que recebem da Universidade em parceria com a CAPES/MEC.

Esses compromissos e trabalhos como Reitor deixaram-me mais familiarizado com a formação de professores, tanto inicial quanto contínua, além de me proporcionar diálogo permanente com o Doutorado em Educação, ao qual também sempre procurei acompanhar pessoalmente, e que acaba de obter a nota 5 da CAPES, na Avaliação Quadrienal que corresponde aos quatro últimos anos de minha gestão na Metodista.

Todos os processos, no ambiente universitário e especialmente em uma Universidade filantrópica e comunitária, somente acontecem mediante a efetiva participação das representações docente, discente e administrativa, e, mesmo tratando-se de uma instituição ligada à confessionalidade da Igreja Metodista, a diversidade religiosa, étnica e racial e o respeito às mesmas, é presente e muito respeitada. Negociar e lidar com as diferenças são, portanto, qualidades que posso assegurar ter desenvolvido no exercício desse cargo.

Exerci, ainda, cumulativamente à Reitoria, entre os anos de 2009 e 2012, a função de Diretor Geral da Rede Metodista de Educação, e nesses três anos atuei mais diretamente junto à Educação Básica, na gestão de 13 unidades em três Estados (SP; MG e RS), qualificando-me para compreender e atuar, também, nesse nível de educação.

Houve, ainda, a possibilidade de, nesse período de reitorado, a minha efetiva participação em Associações representativas de instituições como: ABIEE – Associação Brasileira das Instituições Educacionais Evangélicas; ABRUC – Associação Brasileira de Universidades Comunitárias, Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras em nível nacional e IAMSCU – International Association of Methodist Schools, Colleges and Universities, como presidente desde maio/2014, em nível internacional até dezembro de 2017.

Um importante desafio das escolas metodistas, mas não o único, é oferecer a seus estudantes oportunidades de formação para atuar no mercado de trabalho e na sociedade, como também formar lideranças que, ao serem formadas em um ambiente onde o questionamento e a formação crítica foi e segue sendo muito valorizado, possam atuar de maneira a contribuir para que a sociedade em que vivemos seja mais humana, mais justa, mais solidária e mais fraterna.

Se por um lado desejamos investigar como a atuação as ações internas e externas de uma universidade confessional podem, efetivamente, ter um caráter educativo, por outro, queremos que o tema possa ser mais conhecido e compartilhado com a sociedade, gerando assim, novas investigações e aprofundamento do mesmo.

“Que nossas escolas se transformem em espaços onde prevaleçam o olhar atento, acolhedor e comprometido de uns com os outros. Um lugar onde o valor de cada pessoa possa ser reconhecido e a contribuição da sua maravilhosa singularidade com a qual podemos ser enriquecidos. Que possa ali ser cultivadas relações com base no diálogo, a aceitação do respeito mútuo permitindo assim a criação de relações humanas recíprocas que contribuam para a construção de uma cultura de paz” (ALAI ME, 2013, p. 299. Tradução livre do Autor.)

Lembrando o saudoso Jaci Maraschin:

“Canto, o novo canto da Terra, do homem que ama e espera, Senhor, a sua reconstrução. Falo a nova língua do povo, palavras que já tem gosto Senhor, palavras do coração” (MARASCHIN, 1987, p.27)

Considerando a presença histórica e atuação do campo religioso no campo escolar no Brasil, em seus diversos níveis, muitas são as abordagens que se tem feito a respeito, com diferentes contribuições para um fenômeno complexo, nem sempre de equacionamento simples no âmbito da sociedade e, em especial, do Estado.

Nesse sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96 introduziu não apenas nova nomenclatura em seu art. 20, mas um conjunto de novas relações tanto de Instituições educativas, entre si, atuando nos diferentes níveis de ensino, como entre instituições religiosas, atuando como mantenedoras, e o Estado, em especial no âmbito do Sistema de Educação Nacional. Assim, com a Lei das Instituições Comunitárias de Ensino Superior – Lei 12881/2013, novos parâmetros foram estabelecidos, bem como novas possibilidades para as instituições que conseguirem obter essa qualificação pelo Ministério da Educação.

Não há, contudo, no levantamento realizado preliminarmente para a pesquisa da qual esse texto é um resultado preliminar, estudo sobre qual é a repercussão, tanto educacional, quanto institucional, da obrigatoriedade de que deva ser comunitária toda instituição de ensino que se enquadre na categoria confessional, embora durante a discussão que precedeu a promulgação dessa Lei o tema tenha sido tratado, como pude acompanhar.

Ora, no campo do ensino superior, universitário, a discussão do papel das universidades comunitárias na sociedade insere-se no tema mais amplo das relações entre universidades públicas e privadas, provocando o debate sobre a relação, no interior da categoria “instituições privadas”, entre particulares, com fins lucrativos, e as comunitárias, não-lucrativas.

No exercício do direito de organizarem-se em Associações e ambos os grupos são muito representativos: pelas instituições com fins lucrativos temos a Associação Nacional das Universidades Particulares – ANUP e, representando as comunitárias, a Associação Brasileira das Instituições Comunitárias – ABRUC.

Dentre as comunitárias, diversas entre si, o caso das universidades confessionais provoca o debate sobre as relações de instituições e grupos religiosos com o Estado laico, em especial no que se refere à relação entre sua organização interna e a obtenção pública de autorizações e reconhecimentos. Soma-se a isso a questão de como se dão os vínculos com seu entorno social, de como se processa a relação nem sempre simples entre fé e ciência, entre os participantes do grupo religioso que se erige como mantenedora e docentes-pesquisadores que sustentam o fazer científico e acadêmico da Instituição.

No caso específico das Instituições Confessionais vamos encontrar diversos grupos representativos; destacamos a Associação Nacional das Instituições Católicas – ANEC e a Associação Brasileira das Instituições Educacionais Evangélicas – ABIEE; ambas participantes da ABRUC.

Mais ainda, com o advento da valorização, em nível mundial, da internacionalização na educação escolar e, em especial, nas Universidades, há características específicas das universidades confessionais que lhes proporciona abertura de possibilidades, por exemplo, de estabelecer parcerias bilaterais com instituições pertencentes à mesma confissão e que estão localizadas em outro país, como é o caso de instituições católicas, presbiterianas e metodistas.

No caso específico das metodistas há uma atuação externa, que engloba o que podemos denominar, provisoriamente de “internacionalização para dentro”, mas que ao mesmo tempo também se dá “para fora”. Trata-se da relação Sul-Sul: Brasil e alguns países da América Latina e também o intenso intercâmbio de alunos e também de docentes com a África de fala portuguesa, sobretudo Angola e Moçambique. As relações ou os intercâmbios Sul-Norte são menos frequentes e atualmente o volume vem crescendo muito rapidamente. A relação inversa: norte-sul, ainda enfrenta muitas resistências, em especial motivadas pelo idioma.

Tem certos dias em que eu penso em minha gente...

“Ó Senhor que a tudo excedes, dom celeste amor sem par...”
Charles Wesley

A narrativa, até aqui apresentada, integra pesquisa mais ampla que venho desenvolvendo como parte do Pós-doutorado que realizo junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Metodologicamente, procuro filiar-me à abordagem (auto)biográfica, de modo a refletir como o que tenho vivido desde antes de meu nascimento, pelas mãos de meus pais, em termos de envolvimento com o modo metodista de ser e viver, que tem tido continuidade na minha família, com minha esposa, filhos e, atualmente, noras e neto.

Procuro desenvolver uma melhor compreensão das relações entre ser metodista como escolha de vida, fazer formação acadêmica no âmbito amplo da comunidade científica, e atuar como gestor de uma Universidade Metodista. A busca, assim, é por encontrar as bases e fundamentos do pensamento metodista, em especial em termos de educação, para compreender como pode se dar o significado de ser uma universidade confessional, como pensada e regulamentada no Brasil.

Entendo que essa pesquisa que venho desenvolvendo, da qual se apresenta aqui apenas uma pequeníssima amostra, poderá auxiliar, se não a compreender, pelo menos a que se possa indagar se em outras universidades confessionais, ligadas a diferentes denominações cristãs e diferentes religiões, se dá semelhante integração entre a vivência pessoal, de fé, e o modo de definir a ação gestora educativa. Ou estaria havendo uma mudança de direções e valores nessas instituições?

O interesse em pesquisar sobre a atuação e as possibilidades de atuação de instituições confessionais/comunitárias, assim, se dá não somente em função do tempo de vivência em uma delas mas por querer compreender os motivos que estão levando essas instituições a “abrirem mão” de princípios tão importantes para a formação das pessoas, no sentido lato (valores que sempre foram diferenciais fundamentais para a sociedade), voltando-se, pelo menos aparentemente, a oferecer, a exemplo de outras

instituições educacionais seculares, somente uma formação que atenda às exigências técnicas (o que é sem dúvida necessário), perdendo a oportunidade de influenciar a formação de pessoas mais solidárias, éticas, dispostas a promover o bem comum como foi na origem de todas as instituições confessionais.

São tempos complexos que vivemos, no Brasil e no mundo, de rumos incertos, que acabam por impactar a educação em todos os seus níveis e modalidades. Espero que minha pesquisa possa colaborar mais em busca de questionamentos que fertilizem o trabalho, que de afirmações geradoras de acomodação e equívocos, propiciando, com a colaboração de pesquisadores e pesquisadoras, a busca de caminhos mais apropriados ao que se abre como possibilidade, amplitude e profundidade, para as universidades confessionais/comunitárias.

Referências

ALAIIME. Carta de Lima 2013 – Mensaje del Debate Pedagógico de ALAIIME (Associação Latino Americana de Instituições Metodista de Educação). Revista EDUCAÇÃO E LINGUAGEM v.16 n.2, pp 293-299, jul-dez 2013.

BARBOSA, José Carlos. “O caminho para a cabeça precisa ser aberto pelo coração”. Revista CAMINHANDO, vol.8 n.2, 200, pp 83-102.

HALLET, Garth. *Priorities & Cristian Ethics*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

MARASCHIM, Jaci. *O Novo Canto da Terra*”. São Paulo, IAET, 1987.

MATTOS, Paulo Ayres. *Mais de um Século de Educação Metodista*. Cogeime, 2000. Disponível em: www.cogeime.org.br, acesso em 10/abril/2018.

Recebido para publicação em 08-06-18; aceito em 04-07-18